

HINOS DE FUTEBOL NAS GERAIS

dos hinos marciais aos populares

ANTHEMS OF FOOTBALL CLUBS IN GERAIS: FROM THE MARTIAL TO THE POPULAR ANTHEMS

Elcio Loureiro Cornelsen*
Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq / Fapemig

RESUMO

Baseados na relação entre literatura, música e futebol, propomos a análise de hinos de clubes de futebol de Minas Gerais, enfocando a transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século 20 para os hinos populares a partir da década de 1940. Para compor nosso *corpus* de análise, elegemos o hino marcial e o hino popular do Villa Nova Atlético Clube, da cidade de Nova Lima.

PALAVRAS-CHAVE

Hinos de futebol, música e literatura, futebol e literatura

OS HINOS DE FUTEBOL E SEUS ELEMENTOS LÍRICOS, ÉPICOS E DRAMÁTICOS

Nossa contribuição visa a uma apresentação de alguns hinos de clubes de futebol de Minas Gerais através do enfoque da transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século 20 para os hinos populares a partir da década de 1940. A título de exemplo, elegemos os hinos do Villa Nova Atlético Clube, da cidade de Nova Lima.

Sem dúvida, desde o início, a composição de hinos para as agremiações de futebol ampliou, significativamente, o encontro entre música e futebol no Brasil, integrando a literatura, mais especificamente a arte poética, pois o hino é uma criação mista, produzida por um discurso lítero-musical e, como tal, marcada pela inclusão simultânea do elemento musical e do verbal.

Por definição, “hino” (do grego: ὕμνος *hymnos*, “estrutura sonora”) é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação. O “hino” é expressão de entusiasmo elevado, originalmente, um poema ou cântico de veneração ou louvor à divindade, portanto, de cunho religioso, escrito especificamente para louvor ou adoração tipicamente endereçado a deuses e heróis.¹

* emcor@uol.com.br

¹ BILAC; PASSOS. *Tratado de versificação*, p. 110.

Na Antiguidade, o hino era uma canção de enaltecimento, cantada em cerimônias ao som de cítara ou de outros instrumentos musicais, e se destinava à veneração de deuses, de heróis ou da própria natureza. Era encontrado em várias culturas, como a egípcia, a romana e a grega, nos hinos de devoção a Dionysos. Na Bíblia também se encontram hinos, como, por exemplo, no Livro dos Salmos. Uma modalidade de hino presente na Antiguidade era o “epinício”, dedicado ao vencedor de disputas atléticas, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos: “um coro, composto por seus amigos e coetâneos, após a realização dos imprescindíveis sacrifícios aos deuses, cantava, acompanhado pelo som da flauta e da lira, o epinício (a canção da vitória), escrito e musicado por um poeta famoso.”² E não se tratava de uma mera canção de ocasião. Em geral, ela era divulgada pelo mundo helênico, como ocorrera, por exemplo, com a ode dedicada pelo poeta Píndaro a Píteas, jovem atleta de Egina que conquistara a vitória no pancrácio – misto de luta e pugilismo –, nos jogos de Nemeia, em 485 a.C.³

Por sua vez, na Idade Média, o hino tornou-se uma forma de canção religiosa coesa e composta de várias estrofes. Tal forma é empregada até hoje no canto gregoriano e em canções da liturgia cristã.

Já na Idade Moderna, o hino deixou de ser uma forma de composição musical exclusiva do âmbito religioso. Surge, então, o hino nacional (de devoção à nação ou à pátria), o hino partidário (de devoção a um partido político), o hino de organizações em geral e o hino desportivo (de devoção a um clube ou agremiação). De acordo com Olavo Bilac e Guimarães Passos, num sentido contemporâneo, “[r]igorosamente, dá-se hoje o nome de *hymno* a uma composição poética, acompanhada ou não de música, em que se exalta alguém, ou se celebra algum acontecimento, e com que se excitam os ânimos por uma entoação forte e elevada”,⁴ e o hino seria uma forma da poesia lírica que, muitas vezes, se confundiria com outras duas formas, mais precisamente os cânticos e os salmos.⁵

Todavia, é nas letras dos hinos dos clubes que a literatura se aliará em essência ao futebol e à música, como ocorrera na aliança entre esporte e arte, na Antiguidade, pois as letras de hinos, muitas vezes, apresentam um grau de sofisticação em termos de elaboração, não obstante o fato do caráter popular que marca o futebol enquanto fenômeno cultural de massa. Para efeito de análise, adotamos o sentido “adjetivo” dos gêneros de acordo com traços estilísticos líricos, épicos e dramáticos.⁶ Com relação à forma em letras de hinos de futebol, embora raros, podemos encontrar sonetos e rondós, e a estrofação pode apresentar também variações, como quartetos, tercetos e dísticos, e sempre um refrão. A versificação varia entre isométrica (todos os versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica), parcialmente isométrica (alguns versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica), e heterométrica (os versos de uma mesma estrofe não seguem uma regularidade métrica). Os versos podem se constituir metricamente de modo uniforme como redondilhas

² KAKRIDIS; ANDRÓNIKUS. *Atletismo na poesia e na arte*, p. 159.

³ KAKRIDIS; ANDRÓNIKUS. *Atletismo na poesia e na arte*, p. 159.

⁴ BILAC; PASSOS. *Tratado de versificação*, p. 111.

⁵ BILAC; PASSOS. *Tratado de versificação*, p. 110.

⁶ ROSENFELD. *O teatro épico*, p. 7-8.

menores, redondilhas maiores, eneassílabos, decassílabos, etc., ou mesmo serem marcados por uma variação métrica irregular com versos polimétricos, fato que pode ocorrer também com a disposição e o grau de regularidade de rimas (rimas cruzadas, rimas emparelhadas, rimas interpoladas, rima completa, rima incompleta, rima perfeita, versos brancos, etc.).

Por sua vez, o estudo literário das letras de hinos de futebol nos possibilita a avaliação de seus componentes épicos. Num estudo prévio que elaboramos em 2009, por ocasião de uma entrevista ao programa esportivo *Meio-de-Campo*, da Rede Minas,⁷ constatamos que o aspecto épico dos hinos de futebol se constitui, basicamente, a partir de quatro componentes: (1) a cena narrativa; (2) a espacialização; (3) feitos heroicos e conquistas e/ou virtudes; (4) identidade simbólica. A cena narrativa diz respeito ao modo como a instância lírica se apresenta, ora como um “eu” que evidencia um caráter individual, ora como um “nós” que apela ao coletivo da torcida no sentido de pertencimento, ou mesmo como um “tu”, dirigido ao clube como objeto de devoção e louvor, o que gera um efeito de proximidade e intimidade. Já a espacialização, marcada textualmente, e pensada aqui na junção entre espaço e ação no devir, dimensiona o caráter identitário de um determinado clube em relação ao espaço e pode variar desde o âmbito local, passando pelo estadual e o nacional e, mais raramente, chegando ao internacional, uma vez que, como apontado anteriormente, os hinos de clubes brasileiros foram compostos, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1970, período em que o futebol ainda não conhecia o grau de globalização dos nossos dias. Em alguns casos específicos, na atualidade, tal fato pode gerar até mesmo reivindicações de torcedores para a mudança da letra do hino de seu clube do coração, por considerarem-na ultrapassada frente a possíveis conquistas recentes. Feitos heroicos e conquistas e/ou virtudes também se constituem como traços característicos das letras dos hinos de clubes brasileiros, evidenciando o seu caráter épico, e são pautados, principalmente, pelo emprego de superlativos, como “o maior”, “o melhor”, “o mais...”, etc. Por fim, a identidade simbólica se constrói nas letras de hinos de futebol através de diversas marcações textuais, seja as cores de determinada agremiação, seja o seu distintivo, bandeira ou mascote, que, juntamente com o hino, formam o conjunto principal dos símbolos de um clube.

Em termos transdisciplinares, no intuito de delimitar com maior propriedade essas categorias que compõem o elemento épico, devemos atentar para “o funcionamento simbólico e ritualístico do futebol”, “a natureza mítica do futebol”, a “dramatização mítica”, a “linguagem simbólica”, “o futebol como liturgia do universo”, e, enfim, “o futebol como epopeia do humano”, aspectos esses destacados por Antônio da Silva Costa em seu estudo intitulado “Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade”,⁸ fundamentado por noções oriundas da Sociologia e da Antropologia.

⁷ CORNELSEN. Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos (entrevista concedida para programa de TV). Trata-se do estudo intitulado “Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos”, elaborado a partir da análise das letras de hinos de 13 clubes brasileiros: América, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Corinthians, Palmeiras, Santos, São Paulo, Atlético Mineiro, Cruzeiro, Grêmio e Internacional. A partir da análise das letras, pudemos delimitar as categorias que constituem o aspecto épico (cena narrativa; espacialização; feitos heroicos e conquistas e/ou virtudes; identidade simbólica) e o aspecto dramático (afetividade; apelo à fidelidade; emoção; louvor), recorrentes na maioria dos casos.

⁸ COSTA. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade, p. 13-26.

Além do enfoque do caráter épico, eminentemente narrativo, o estudo literário das letras de hinos de futebol nos permite também avaliar seus componentes dramáticos, que visam à mobilização do torcedor, tornando-se atuante no ato próprio do jogo, como bem ressalta Anatol Rosenfeld:

O verbo “torcer” significa “virar, dobrar, encacarolar, entortar”, etc. O substantivo “torcedor” designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que “co-atua” motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto “torcida” – como massa de fanáticos que berram –, realmente faz.⁹

De modo semelhante ao aspecto épico, o aspecto dramático dos hinos de futebol se constitui, basicamente, a partir de quatro componentes: (1) a afetividade; (2) o apelo à fidelidade; (3) a emoção; e (4) o louvor. Todos esses componentes se expressam textualmente. A afetividade é marcada por termos como “coração”, “amado”, “querido”, “amor”, etc. Já o apelo à fidelidade remete à ligação incontestada entre torcedor e clube, marcada textualmente por expressões como “sempre” ou “até morrer”. Por sua vez, a emoção se pauta justamente por palavras que evidenciam textualmente o seu caráter, como é o caso dos termos “emoções”, “prazer”, “feliz”, “vibrar”, etc. Finalmente, expressões de louvor emprestam ao hino um caráter dramático de devoção, como se o clube assumisse o lugar de objeto de veneração e culto, como, por exemplo, “salve”, “glória”, “exaltar”, etc.

Portanto, de modo visceral, a colaboração da literatura para o âmbito do futebol passa também pelo caráter ritualístico que este adquire ao longo de sua história. Pois os poemas musicados em forma de hinos de louvor e exaltação são partes constituintes dos rituais, cujas raízes, como aponta Antônio da Silva Costa, estão atreladas “ao universo dos mitos e à religião”,¹⁰ e que podem ser encontrados desde a Antiguidade.

DOS HINOS MARCIAIS AOS POPULARES

Embora alguns clubes brasileiros já tivessem hinos compostos nas décadas de 1920 e 1930, são as décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 que formarão o período áureo de composição dos hinos e, em alguns casos, até mesmo de composição de novos hinos populares para aqueles clubes que já possuíam hinos oficiais na década de 1920, como é o caso das principais equipes de futebol do Rio de Janeiro, além do Corinthians, do Atlético Mineiro, do Villa Nova, do Paysandu, entre outros.

Podemos afirmar com segurança que a transição dos chamados hinos marciais para os hinos populares no âmbito do futebol se consolidou em meados da década de 1940. Tal transição está associada a um nome em especial: Lamartine Babo, famoso compositor de marchas de carnaval que compôs nada mais nada menos do que os hinos de 11 clubes do Rio: América, time de coração do compositor, Botafogo, Flamengo,

⁹ ROSENFELD. O futebol no Brasil, p. 94.

¹⁰ COSTA. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade, p. 14.

Fluminense, Vasco da Gama, Bangu, todos considerados “grandes” na época, e dos times “pequenos” Madureira, Olaria, São Cristóvão, Bonsucesso e Canto do Rio.¹¹ Segundo consta, “Lalá”, como era conhecido, foi desafiado pelo radialista Héber de Bôscoli, com quem compunha o “Trio de Osso” juntamente com Yara Sales no programa *Trem da Alegria*, da Rádio Mayrink Veiga, a compor um hino por semana para cada clube do Rio de Janeiro, desafio esse plenamente cumprido pelo compositor.¹² Aliás, Lamartine Babo faria escola também quanto ao estilo dos hinos de futebol, compostos como marchas-rancho ou “marchinhas”, como também eram conhecidas, e estas se diferenciavam das marchas militares em sua cadência. De acordo com Paulo Jebaili, “[o] hino de futebol escolhe a marcha porque é a festa. E a festa é sublimação da dor. A marcha é uma das primeiras manifestações de pessoas que se reuniam em blocos na rua para cantar a vida de forma lúdica.”¹³

Podemos dimensionar o significado de Lamartine Babo para a criação de novos hinos de clubes de futebol no fato de que futuros compositores tomaram por referência as letras dos hinos compostos por Lalá para os clubes do Rio, produzindo até mesmo uma relação de intertextualidade entre eles. Um dos exemplos mais evidentes é, aliás, o hino do Atlético Mineiro. Segundo consta, o compositor Vicente Motta, que, assim como Lamartine Babo, destacou-se em concursos de marchinhas de carnaval na década de 1960, na cidade Belo Horizonte, estudou o estilo de Lalá para compor o hino do Atlético Mineiro.¹⁴ Isso se torna patente se compararmos alguns versos do hino do Galo com versos dos hinos do Flamengo e, respectivamente, do América do Rio:

<p>Versos do hino do Atlético Mineiro (1969)¹⁵ Compositor: Vicente Motta Vencer, vencer, vencer... Este é o nosso ideal. <i>Lutar, lutar, lutar...</i> Pelos gramados do mundo para vencer. Clube Atlético Mineiro, Uma vez <i>até morrer</i>. <i>Lutar, lutar, lutar...</i> Com toda a nossa raça pra vencer. [estribilho/Refrão] Clube Atlético Mineiro, Uma vez <i>até morrer</i>.</p>	<p>Versos do hino do Flamengo¹⁶ Compositor: Lamartine Babo Vencer, vencer, vencer Uma vez Flamengo, Flamengo <i>até morrer</i> Versos do hino do América do Rio¹⁷ Compositor: Lamartine Babo Hei de <i>torcer, torcer, torcer</i> Hei de <i>torcer até morrer, morrer, morrer</i></p>
--	---

¹¹ XAVIER. *Futebol no país da música*, p. 52.

¹² VALENÇA. *Tra-lá-la*, p. 158.

¹³ JEBAILI. *Para cantar de cor*, p. 55.

¹⁴ HINO do Clube Atlético Mineiro.

¹⁵ HINO do Clube Atlético Mineiro, grifos nossos.

¹⁶ VALENÇA. *Tra-lá-la*, p. 159, grifos nossos.

¹⁷ VALENÇA. *Tra-lá-la*, p. 160, grifos nossos.

Como pode ser constatado, há uma relação de intertextualidade também entre os hinos do Flamengo e do América do Rio. Isso se estabelece não só no modo como os verbos “vencer”, “torcer” e “morrer” são empregados repetidas vezes em sequência – “lutar, lutar, lutar”, no hino do Atlético –, como também o apelo à fidelidade do torcedor, um dos elementos dramáticos presentes em letras de hinos de clubes de futebol, através de expressões como “até morrer”, que aparece nas letras desses três hinos.

UM EXEMPLO DE HINO MARCIAL NAS GERAIS

Para evidenciarmos as diferenças e semelhanças existentes entre hinos marciais das primeiras décadas e hinos populares pós-Lamartine Babo, elegemos um exemplo em especial: o hino do Villa Nova Atlético Clube, da cidade de Nova Lima, composto em 1916 por Luiz Lacerda, conforme consta no site oficial do clube:

A equipe gloriosa
Que se empenha valorosa
Na luta rival não tem
E ao Alvi-rubro sustem

O nome do campeão
Honrando seu pavilhão
Pois enfrenta combinada
Qualquer outra bem treinada

[Estrilho]
Alerta Jovens valentes
Jogai, jogai, contentes
Para num futuro de glória (bis)
Iluminar a nossa História

Eis o farol da glória
Que ilumina nossa história
Conservamos o brasão
Do alvi-rubro pendão

[Estrilho]
Alerta Jovens valentes
Jogai, jogai, contentes
Para num futuro de glória (bis)
Iluminar a nossa História

Saudamos aos torcedores
Que entre risos e flores
Ao campo nos vão levar
As forças para lutar.

Se o passado, a lembrança
Força nos dá esperança
Unidos sempre sejamos
Para que nunca percamos

Os louros já conquistados
Lutemos como soldados
Ao campo para jogar
E qualquer clube enfrentar

[Estribilho]
Alerta Jovens valentes
Jogai, jogai, contentes
Para num futuro de glória [bis]
Iluminar a nossa História

Se a pugna é destemida
Entremos na luta renhida
Queremos nos animar
Avante! Ouvimos bradar
Em Minas quem poderá
Afirmar que vencerá
O Villa Nova querido
Sempre forte destemido

Eis o farol da glória
Que ilumina nossa história
Conservamos o brasão
Do alvi-rubro pendão.¹⁸

Infelizmente, não há disponibilidade de áudio desse hino. Inclusive, no site oficial do clube há um apelo: “O Hino Oficial é este que se encontra no site, escrito pelo professor Luiz Lacerda em 1916 e que estamos procurando em formato MP3, LP ou em CD para disponibilizá-lo no site.”¹⁹ E o autor do texto do site – anônimo – é categórico em afirmar:

Existe uma confusão entre os torcedores do Leão, que desconhecem qual o verdadeiro Hino Oficial do clube. Muitas músicas feitas por torcedores do Leão enfeitçaram a cidade nos tempos áureos do time e assim são colocadas como hino do Villa Nova. Uma delas em que o refrão, “Villa Nova, Villa Nova, tu és o Leão do Bonfim”, é uma música cantada por torcedores da boemia villanovense e não é o Hino Oficial.²⁰

Portanto, podemos entender que se trata de um apelo ao resgate do hino oficial do clube, como modo nostálgico de retornar aos primórdios do Villa Nova como um clube de tradição, fundado em 28 de junho de 1908 por trabalhadores da Saint John Del Rey Mining Company Limited,²¹ aliás, um dos clubes mais antigos de Minas Gerais, quando a cidade de Nova Lima ainda se chamava Villa Nova de Lima, mantendo-se a grafia antiga com dois “l”.

Um primeiro aspecto que salta aos olhos na letra desse hino é a forma rígida com a qual foi composta. Em termos de estrofação e de metrificação, o hino apresenta 10 estrofes, todas em forma de quadras num rondó estendido, com versos isométricos em

¹⁸ HINO oficial do Villa Nova Atlético Clube.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/hino.php>>. Acesso em: 4 nov. 2011.

²⁰ Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/hino.php>>. Acesso em: 4 nov. 2011.

²¹ SILVA. *Cultura operária*: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube, p. 31.

redondilha maior – quer dizer, versos com métrica de 7 sílabas poéticas – e rimas emparelhadas entre o 1º e 2º versos e, respectivamente, o 3º e 4º versos de cada estrofe. Com relação ao estilo literário, nos faz lembrar a rigidez formal da poesia parnasiana. Mais tarde, os hinos em forma de marcha rancho romperão justamente com essa rigidez, tomando por base o estilo modernista que, como aponta Nelson Antônio Dutra Rodrigues na obra *Os estilos literários e letras de música popular brasileira*, é marcado pelo verso livre e o linguajar coloquial, “a aproximação entre a prosa e a poesia, a livre associação, a palavra em liberdade”.²²

O segundo aspecto que nos chama a atenção na letra do hino oficial do Villa Nova é a encenação da partida de futebol enquanto batalha por meio do discurso bélico: “Alerta jovens valentes”; “Lutemos como soldados”; “Se a pugna é destemida/ Entremos na luta renhida”; “Avante! Ouvimos bradar.” Os jogadores devem estar alerta contra os ataques do inimigo, devem lutar como soldados, sem temor, entrar em renhido combate, sempre avançando para o ataque. Aqui a metáfora do futebol enquanto “guerra simbólica”²³ se faz presente com sua força.

Isso pode parecer algo banal, mas é um traço característico dos primeiros hinos dos clubes brasileiros. No hino oficial do Paysandu Sport Clube, de Belém do Pará, composto no início da década de 1920, com letra de José Simões e música de Manuel Luis de Paiva, encontramos, por exemplo, versos semelhantes aos do hino oficial do Villa Nova na seguinte estrofe: “Somos jovens e ousados paladinos,/ E sempre achar-nos-hão de gladio nú,/ Elevando nos prélis mais ferinos/ Com honra o pavilhão do Paysandu.”²⁴ Do mesmo modo, o hino oficial do Fluminense, composto por Antonio Cardoso de Menezes Filho na década de 1920, exhibe um vocabulário bélico muito marcado, conforme demonstra a seguinte estrofe: “Não nos cega o furor da batalha/ Nem nos fere o rival, se é mais forte!/ Nossas bolas são nossa metralha/ Um bom goal, nosso tiro de morte.”²⁵

Se tais hinos fossem cantados hoje em dia, o torcedor necessitaria de um glossário para saber o que é “gládio”, “prélio”, “pugna”, “renhida”, “pendão”, etc. Devemos, entretanto, lembrar que os primeiros hinos, de caráter marcial, estavam inseridos na tradição dos hinos que ganharam força significativa com o advento do Estado-Nação no século 19, que bebeu na fonte medieval para produzir uma série de símbolos que o representasse, desde brasões, bandeiras, cores, uniformes, etc. Esse aspecto, aliás, está também presente na letra do hino do Villa Nova, nos versos “E ao Alvi-rubro sustem”; “Conservamos o brasão/ Do alvi-rubro pendão”; “O nome do campeão/ Honrando seu pavilhão”, em que as cores tradicionais do clube – vermelho e branco – são mencionadas. Como nos lembra Hilário Franco Júnior, “as cores desempenham papel central (...) por definir a comunidade identitária para si mesma”, bem como para “construir a imagem que deseja ter para as outras comunidades”.²⁶

²² RODRIGUES. *Os estilos literários e letras de Música Popular Brasileira*, p. 109.

²³ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, p. 235.

²⁴ Hino oficial do Paysandu Sport Clube. Disponível em: <<http://www.paysandu.com.br/hino.php>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

²⁵ HINO do Fluminense Football Club.

²⁶ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, p. 217-218.

Além disso, era comum que as letras dos primeiros hinos de clubes de futebol compostos nas décadas de 1910 e de 1920 procurassem transmitir ao torcedor valores e virtudes que seriam atribuídos ao clube. No caso do hino oficial do Villa Nova, esse aspecto se torna evidente nos seguintes versos: “A equipe gloriosa/ Que se empenha valorosa” / “Alerta Jovens valentes” / “Para num futuro de glória/ Iluminar a nossa História” / “Unidos sempre sejamos” / “Lutemos como soldados” / “Sempre forte destemido”. Deles depreendemos valores e virtudes como glória, empenho, valentia, juventude, união, espírito de luta, força e destemor. Ao contrário de hinos populares, não há qualquer menção a conquistas históricas no período do amadorismo.

Por sua vez, predomina a primeira pessoa do plural na cena enunciativa: “Conservamos o brasão”; “Saudamos aos torcedores”; “Unidos sempre sejamos/ Para que nunca percamos”; “Lutemos como soldados”; “Entremos na luta renhida/ Queremos nos animar/ Avante! Ouvimos bradar”. Isso caracteriza, através da linguagem, aquilo o que Hilário Franco Júnior denominou de “espírito clânico”,²⁷ ou seja, o pertencimento e a identificação com um grupo em torno de um clube, em que prevalece o sentido coletivo. No mesmo sentido, Jayme Valente afirma que

[a]s bandeiras e uniformes policromáticos – denotando simultaneamente a identidade e a realidade tribal das torcidas – e os cantos mágicos, dissilábicos – que ecoam pelos estádios – aumentam o estado de êxtase emocional, que anteriormente era associado às cerimônias religiosas.²⁸

UM EXEMPLO DE HINO POPULAR NAS GERAIS

Feitas essas considerações sobre o hino oficial, passemos agora ao hino popular do Villa Nova, o “hino da torcida”, como consta no site oficial do clube:

Aquele clube que existe em Nova Lima,
Amado por todos e por mim.
Villa Nova, Villa Nova,
Tu és o Leão do Bonfim.

Villa Nova tantas vezes campeão,
Tu vives dentro do meu coração.
Tua raça que te faz tão grande assim,
Villa Nova, Leão do Bonfim.

Villa Nova da Terra do Ouro,
Tu és de Nova Lima um tesouro.
Não existe outro time para mim,
Eu adoro este Leão do Bonfim.²⁹

²⁷ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, p. 213.

²⁸ VALENTE. *Sincretismo religioso e futebol*, p. 38.

²⁹ HINO popular do Villa Nova Atlético Clube.

Infelizmente, não dispomos de informação sobre o autor dessa canção, nem o ano em que foi composta. No site, consta apenas a vaga informação de que se trata de “música cantada por torcedores da boemia villanovense”,³⁰ como já mencionado.

De início, notamos uma diferença sensível quanto à composição da letra quanto a seus elementos líricos. Se o hino oficial é composto de 10 estrofes em forma de rondó com versos em redondilha maior, que, de maneira épica, narra sobre as virtudes do clube, de seus jogadores e torcedores, o hino popular contém apenas três estrofes. Nota-se, ainda, que há uma composição rígida quanto à estrofação, com três quadras formando um rondó. Todavia, não identificamos mais a metrificação rígida, pois os versos são parcialmente isométricos, ou seja, a métrica varia no número de sílabas poéticas, e há rima alternada na 1ª estrofe, e rima emparelhada na 2ª e na 3ª estrofe.

Além disso, quanto a seus elementos épicos, não nos deparamos com um vocabulário bélico, e tampouco com um léxico rebuscado do primeiro hino. Ao contrário, por seu caráter popular, o que lhe garante a fácil assimilação e divulgação, o texto é relativamente simples. Há até mesmo um verso que nos ajuda a datá-lo: “Tu és o Leão do Bonfim.” Consta que o epíteto “Leão do Bonfim” é de autoria do desenhista e chargista Fernando Pierucetti (1910-2004), o Mangabeira, da época em que atuava no jornal *Folha de Minas*, de Belo Horizonte, nos anos 1940. Nesse caso específico, o epíteto é formado pela associação do Leão, mascote do clube, com o bairro do Bonfim, da cidade de Nova Lima, onde está sediado o Estádio Castor Cifuentes, um dos mais antigos do estado de Minas Gerais. Esse tipo de epíteto, aliás, nos faz lembrar outro hino, o da Tuna Luso Brasileira, de Belém do Pará, de autoria de José Teixeira, em que aparece o verso “Tu és a águia do Souza”, numa associação entre a águia, mascote do clube, e o bairro do Souza, em Belém, onde se localiza o Estádio Francisco Vasques.³¹ Sendo assim, podemos afirmar, com certeza, que o hino popular do Villa Nova é posterior aos anos 1940 e, portanto, posterior à transição dos hinos marciais para os hinos populares. E isso nos permite também falar de intertextualidade em relação a outros hinos de clubes mineiros. Basta pensarmos no verso “Galo forte vingador”, do hino do Atlético Mineiro, ou ainda o verso “E o galo forte carijó não tem rivais...”, do hino do Tupi Football Club, de Juiz de Fora, bem como os versos “Pantera de sangue alvinegro” e “Pantera, teu lema é a vitória”, do Esporte Clube Democrata, de Governador Valadares, e os versos “Pinta em cores de vermelho e branco/ a bandeira do tamanduá”, do hino do Guarani, de Divinópolis. Aliás, como ressalta Marcelino Rodrigues da Silva no artigo intitulado “A cidade dividida nas charges de Mangabeira”,

[o] surgimento dos mascotes foi motivado pelo desejo de Álvares da Silva, secretário da *Folha de Minas*, de lançar charges parecidas com as que, na mesma época, o *Jornal dos Sports* publicava no Rio de Janeiro (o Flamengo era o Popeye, o Fluminense o Pó-de-arroz, o Vasco o Almirante, o Botafogo o Pato Donald e o América o Diabo).³²

³⁰ Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/hino.php>>. Acesso em: 4 nov. 2011.

³¹ HINO da Tuna Luso Brasileira.

³² SILVA. A cidade dividida nas charges de Mangabeira.

Esse, pois, é um aspecto singular em relação às letras dos hinos de alguns clubes mineiros compostos anos ou décadas após a criação dos mascotes por Mangabeira, o que atesta sua força simbólica no imaginário dos torcedores.

Por sua vez, há outra diferença sensível entre as letras do hino oficial e do hino popular do Villa Nova: ao invés do “espírito clânico” da torcida enquanto coletividade, o que temos aqui é a afetividade do torcedor enquanto indivíduo, algo, em geral, ausente em hinos marciais: “Aquele clube que existe em Nova Lima,/ Amado por todos e por mim”; “Tu vives dentro do meu coração”; “Não existe outro time para mim,/ Eu adoro este Leão do Bonfim.” Isso nos faz lembrar os primeiros versos do hino do Cruzeiro, composto em 1975 por Jadir Ambrósio: “Existe um grande clube na cidade,/ que mora dentro do meu coração.”³³ Mas a afetividade associada ao indivíduo remete também a Lamartine Babo e ao hino de seu clube de coração, o América do Rio, composto nos anos 1940, já citado anteriormente: “Hei de torcer, torcer, torcer/ Hei de torcer até morrer, morrer, morrer/ Pois a torcida americana é toda assim/ A começar por mim/ A cor do pavilhão é a cor do nosso coração.”³⁴ Aliás, na letra do hino popular do Villa Nova, encontramos também um apelo à fidelidade do torcedor, aspecto ausente no hino oficial: “Não existe outro time para mim.”

Como um último aspecto analisado, ressaltamos que, diferindo do hino oficial, o hino popular do Villa Nova possui em sua letra poucos termos que atribuem ao clube valores e virtudes: “Villa Nova tantas vezes campeão”; “Tua raça que te faz tão grande assim”. No que se refere à espacialização, o localismo é muito mais marcado no hino popular do que no hino oficial. Enquanto nesse último aparece apenas o verso “Em Minas quem poderá”, no hino popular o espaço é recorrente, conforme demonstram os seguintes versos: “Aquele clube que existe em Nova Lima”; “Villa Nova da Terra do Ouro/ Tu és de Nova Lima um tesouro.”

FIM DE JOGO

Ao abordarmos o tema proposto – “hinos de futebol nas Gerais” –, ilustrado através da análise das letras dos hinos oficial e popular do Villa Nova Atlético Clube, procuramos ressaltar aspectos que demonstram a transitoriedade dos antigos hinos marciais para os hinos populares que tiveram no compositor Lamartine Babo um grande inspirador.

Para uma abordagem dessa natureza, consideramos não só a história e trajetória do clube, como também, na medida do possível, os contextos em que tais letras foram compostas. Os hinos, enquanto parte do arsenal de símbolos de toda agremiação, contribuem para a construção da imagem do clube, mas também estão sujeitos a atualizações.

Além disso, pensamos a tradição e o imaginário do clube como resultado de processos discursivos de construção a partir de contextos de emergência específicos, cujas marcas ficam registradas no próprio texto. Seriam, pois, construções que estão na base das “comunidades imaginadas”, como aponta Hans Ulrich Gumbrecht.³⁵

³³ HINO do Cruzeiro Esporte Clube.

³⁴ VALENÇA. *Tra-lá-lá*, p. 160.

³⁵ GUMBRECHT. *Comunidades imaginadas*, p. 5.

Por fim, ressaltamos que dificuldades se impõem em estudos dessa natureza, sobretudo com relação à falta de informações e de fontes confiáveis, através das quais possamos não só ter acesso às letras, como também obter maiores informações sobre autoria e contexto em que foram compostas. Mesmo os sites oficiais de clubes mineiros, muitas vezes, são precários, e há pouco cuidado com a história das agremiações. Hoje em dia, o marketing ocupa o maior espaço nesse tipo de fonte. Sendo assim, esperamos que estudos dessa natureza contribuam para resgatar a memória e a história desses clubes, bem como a história do futebol em Minas Gerais.



ABSTRACT

Based on the relationship between literature, music and football, we propose to analyze anthems of Minas Gerais football teams, focusing on the transition from martial anthems of the first decades of the twentieth century to popular anthems from the 1940s. To define our corpus, we chose the martial and the popular anthem of the Villa Nova Atlético Clube from the city of Nova Lima.

KEYWORDS

Football anthems, music and literature, football and literature

REFERÊNCIAS

- BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação*. São Paulo: Francisco Alves, 1930.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos (entrevista concedida à Rede Minas). Programa *Meio-de-Campo*. Belo Horizonte, 2009.
- COSTA, António da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Lecy Consuelo (Org.). *Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005. p. 9-11.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUMBRECHT. Hans Ulrich. Comunidades imaginadas. *Folha de S.Paulo*, jun. 2007. Caderno “Mais!”, p. 5, 4.
- JEBAILI, Paulo. Para cantar de cor. *Língua Portuguesa: Especial Futebol e Linguagem*, ano I, p. 55, abr. 2006.
- KAKRIDIS, J.; ANDRÓNIKUS, M. Atletismo na poesia e na arte. In: TSIRAKIS, Stylianos (Org.). *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odisseus, 2004. p. 159-171.
- RODRIGUES, Nelson Antônio Dutra. *Os estilos literários e letras de música popular brasileira*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol*. Jacó Guinsburg (Org.) São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 73-106. (Debates, 258)
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Desa, 1965. (Buritys, 5)
- SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. A cidade dividida nas charges de Mangabeira. *Revista Z Cultural*, ano VII, v. 2. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-cidade-dividida-nas-charges-de-mangabeira-de-marcelino-rodrigues-da-silva/>>. Acesso em: 10 abr. 2011.
- VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
- VALENTE, Jayme. Sincretismo religioso e futebol. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Licy Consuelo (Org.). *Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005. p. 33-42.
- XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

SITES CONSULTADOS

- Hino da Tuna Luso Brasileira. Disponível em: <http://www.tunalusobrasileira.hpg.ig.com.br/esportes/47/index_int_3.html>. Acesso em: 23 mar. 2011.
- Hino do Clube Atlético Mineiro. Disponível em: <http://www.galomineiro.com.br/wiki/Hino_Do_Galo>. Acesso em: 6 nov. 2011.
- Hino do Cruzeiro Esporte Clube. Disponível em: <http://www.cruzeiro.com.br/index2.php?section=historia_hinos&idm=2#>. Acesso em: 4 nov. 2011.
- Hino do Fluminense Football Club. Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83&Itemid=83>. Acesso em: 5 ago. 2009.
- Hino oficial do Paysandu Sport Clube. Disponível em: <http://www.paysandu.com.br/hino.php>; acesso em: 23 mar. 2011.
- Hino oficial do Villa Nova Atlético Clube. Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/hino.php>>. Acesso em: 4 nov. 2011.
- Hino popular do Villa Nova Atlético Clube. Disponível em: <<http://www.villanovamg.com.br/hino.php>>. Acesso em: 4 nov. 2011.